



Os julgamentos da sociedade aos 'diferentes'

Aqueles que não vivem sob o modelo convencional estabelecido pela coletividade são criticados e rotulados

— Maiara Ribeiro —

Casais que não desejam ter filhos ou que moram juntos sem serem casados, mulheres que não têm vontade de ser mãe ou que decidem ser mães sozinhas, homens que escolhem uma profissão cuja predominância é feminina, jovens que abrem mão da faculdade para seguir outros caminhos – e pessoas que agem diferente, se vestem de forma inusitada ou simplesmente vivem de acordo com o que lhes faz felizes e não de acordo com o que é considerado comum. E por seguirem na “contramão” daquilo que a sociedade prega, são constantemente rotuladas e criticadas.

Mas por que o modo de viver dos outros incomoda tanto?

“Toda sociedade apresenta um conjunto de valores sociais, morais, culturais, etc. Esse é um dos importantes elementos que a define como uma sociedade específica dentre as outras.

Seus indivíduos, em geral, são formatados e mantidos sob a influência desses conjuntos de valores, o que gera um sentimento de pertencimento ao grupo, cria uma identidade. A aceitação passiva e a falta de análise crítica de tais valores forja a sensação de se estar fazendo a coisa certa e de que aquele que não se adequa a tais conjuntos é o errado, o desviante”, afirma a psicóloga Cláudia Sarti.

Aceitação e respeito

Para Annie Wielewiczki, psicóloga clínica do Instituto InnoVe, “cada um aprende a reagir ao mundo de uma forma específica, desde a infância, a partir dos ensinamentos e modelos de sua família e do grupo social com o qual convive. Caso não haja uma mudança brusca no seu grupo de origem e no grupo social atual, serão os valores aprendidos na infância e adolescência que guiarão seus comportamentos ao longo da vida”.

Isso não é necessariamente um problema, desde que junto com os valores familiares sejam também ensinados

princípios como tolerância e respeito a pessoas de valores diferentes dos seus. “Não é preciso concordar com o comportamento do outro, mas aceitar que ele é diferente, que pode fazer suas escolhas e deve ser respeitado”, opina a especialista.

“Não é preciso concordar com o outro, mas deve-se aceitar que ele é diferente”

diz Annie Wielewiczki

Como lidar

Segundo Annie, entender o próprio comportamento é um passo fundamental para quem é alvo do julgamento alheio, pois isso ameniza sentimentos de culpa e desprezo por suas próprias atitudes. Além disso, “é importante que qualquer um que so-

fra preconceito tenha pessoas com as quais possa contar e se sinta respeitado e amado, independentemente de seus comportamentos”, aponta.

“Houve situações em que me senti bastante incomodada com o olhar das pessoas quando eu dizia que morava com o meu namorado e não pensava em me casar. Às vezes, elas não falavam nada, mas só a feição já deixava clara a estranheza que sentiam. Com

o tempo, porém, fui me acostumando e aprendi a encarar esses olhares com tranquilidade e simplesmente ignorar as críticas. Sei quem sou”, relata a garçonete Bruna Oliveira.

O futuro será diferente?

A psicóloga Annie Wielewiczki afirma ter esperança de que, no futuro, este tipo de julgamento diminuirá, mas acredita que isso depende dos comportamentos de hoje, da educação dada às crianças e adolescentes.

“Precisamos ensinar tolerância e o respeito ao outro e, para isso, precisamos também aprender a diversidade, aceitá-la e nos posicionarmos com tolerância e respeito, pois os mais jovens aprenderão com nossa fala, mas muito mais com nossos próprios comportamentos”, opina.

Cláudia Sarti, porém, não enxerga a situação de forma tão positiva. “Os jovens, assim como os demais membros de nossa sociedade, estão imersos em um modelo repleto de valores consumistas e individualistas”. Para ela, se não houver uma alteração em tais valores, práticas sociais discriminatórias e preconceituosas tendem a crescer.



Playboy

Há quem trabalhe duro para vestir roupas de qualidade, ter acessórios de marca. Por vezes, porém, são taxados de “filhinhos de papai” que ganham tudo facilmente.

Casal “amigado”

É comum hoje casais morarem juntos sem formalizarem a união. Segundo o IBGE, mais de um terço das uniões no país é assim. Elas cresceram 8% em 10 anos.

Preguiçoso

“Não quer nada da vida”. Este é o rótulo dado àqueles que não ingressam na faculdade após o Ensino Médio. Porém, muitas atividades podem ser feitas antes.

Mãe solteira

De acordo com o IBGE, 12,2% das famílias brasileiras vivem apenas com a mãe solteira. Atualmente, é normal mulheres terem filhos de forma independente.

Solteirões

Passou dos 30 e não casou? Então “ficou pra titia (o)”. O termo é usado por quem acredita que todos devem casar. Bobagem! Cada um é feliz a sua maneira.

Bailarino

Muitos rotulam como homossexual os homens que fazem balé, mas a orientação sexual não tem nada a ver com isso. Devido ao preconceito, alguns desistem da dança.